

WATA GO LEF
STONE.
DA
PERPETUIDADE
DE ACCARA
ATRAVÉS DOS
OCEANOS

OFERENDAS
NO ÂMBITO DE “A PARÁBOLA DO PROGRESSO”

COM Akinbode Akinbiyi Diego Araújo e Laís Machado Leo Asemota María Magdalena Campos-Pons
Simone Lagrand Leda Maria Martins Awilda Sterling

ABERTURA 26.10.2022 18:00
EM CARTAZ 27.10.2022–02.04.2023
Quinta a sábado 10:00–21:00 Domingo 10:00–18:00
Sesc Pompeia, São Paulo, SP

EQUIPE SAVVY
CONCEITO Billy Fowo Anna Jäger Lynhan Balatbat-Helbock
CURADORIA Billy Fowo Anna Jäger
GESTÃO Lema Sikod
DIREÇÃO ARTÍSTICA Bonaventure Soh Bejeng Ndikung
DESIGN GRÁFICO E FOLHETO Bilge Emir Aditi Kapur

A PARÁBOLA DO PROGRESSO – EQUIPE
COORDENAÇÃO CURATORIAL Lisette Lagnado
CURADORES ADJUNTOS André Pitol Yudi Rafael
EXPOGRAFIA Tiago Guimarães
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Ana Helena Curti
PRODUÇÃO Carol Angelo Paloma Cassari Rodrigo Primo Nayanda Sonda

Por favor, encontre a ficha técnica completa no fim do programa.

A PARÁBOLA DO PROGRESSO é um projeto do Sesc São Paulo/Brasil.

S A V V Y CONTEMPORARY
THE LABORATORY OF FORM-IDEAS

Sesc

CONCEITO

Desde a República Independente do Quilombo dos Palmares, liderada por seu grande líder Zumbi, passando pelos movimentos de resistência na Bahia liderados por Luiza Mahin, até as longas e contínuas lutas e resistências dos mais de mil quilombos pelo reconhecimento da propriedade da terra, a presença e a importância dos africanos e dos movimentos políticos africanos no Brasil têm uma história forte que ecoa em nosso presente. Como afirma Abdias do Nascimento no livro *Africans in Brazil. A Pan-African Perspective* [Africanos no Brasil. Uma perspectiva panafricana]: “Desde o início, a história mostra que o Brasil é demografica e culturalmente um país africano”. Embora as histórias convencionais geralmente omitam os heróis afro-brasileiros da causa abolicionista, a maioria deles, como Luiz Gama – poeta e precursor da Negritude e filho de Luiza Mahin –, aproveitou e usou, como arma principal em suas lutas, sua consciência africana excepcionalmente lúcida, como escreve Elisa Larkin Nascimento no livro mencionado, do qual é coautora. Uma consciência africana enraizada no espírito de resiliência que percorreu o tempo e o espaço, um espírito de resiliência que foi despertado e alimentado pela necessidade de possibilitar espaços de reunião, cuidado e convivência que vão além da ação direta da luta física.

Como conviver em um mundo que continua sendo cruel? Quais são as estratégias de viver e amar, de cantar e comer e de outras formas de nutrição? Quais são as “receitas” que ecoam entre continentes e arquipélagos, os ritmos e línguas que continuam a prover recursos de sobrevivência, comunidade, resistência, alegria, bem-estar?

WATA GO LEF STONE. DA PERPETUIDADE DE ACCARA ATRAVÉS DOS OCEANOS é um reconhecimento dessa resiliência e consciência enraizada no contexto africano e espalhada por meio de suas diásporas. É uma tentativa de seguir nossas questões prementes através do entendimento das correntes e dos outros modos de existência entre o continente africano e suas diásporas – abraçando as formas múltiplas e rizomáticas de criar espaço e comunidade através da música, comida, tecidos, línguas e outros padrões incorporados e compartilhados.

Há um ditado no inglês pidgin de Camarões que diz: “Scratch ma back I scratch ya back” [Coça minhas costas que eu coço as tuas]. Nesse sentido, WATA GO LEF STONE. DA PERPETUIDADE DE ACCARA ATRAVÉS DOS OCEANOS é um convite para “coçar as costas uns dos outros”, um convite à união, um convite para

construir coletivamente um espaço de convívio vital para cada um de nós e principalmente agora, neste contexto tão tenso das próximas eleições em que o Brasil se encontra.

Nessa ideia de acolher e ser convivial, o SAVVY Contemporary estende este convite inicial do Sesc Pompeia aos artistas brasileiros Laís Machado e Diego Araújo para montar uma estrutura, uma cápsula de tempo e memória que irá acolher e abrigar, propôr e definir um ritmo com o qual as outras contribuições artísticas irão coexistir, interagir e ressoar. Embarcando nessa nave, partimos em uma viagem em direção à história, que também está indo sempre em direção ao futuro – seguindo os rastros do Accara através do oceano, conectando o litoral da África Ocidental ao do Brasil.

Com artistas interdisciplinares, pensadores e poetas, o WATA GO LEF STONE respirará e habitará o Sesc Pompeia no âmbito da exposição “A parábola do Progresso”. Com curadoria de Lisette Lagnado e curadoria adjunta de André Pitol e Yudi Rafael, esta exposição discute os processos de formação identitária e modernização do país, questionando a imagem idílica do chamado “país do futuro” que o acompanha desde a invasão do território que hoje configura o Brasil. Nesse sentido, a exposição pretende, senão subverter, ao menos suspender a doutrina do Progresso, princípio positivista que pavimentou políticas cruéis de desenvolvimentismo. Outro lugar-comum contestado é a crença em uma “nação hospitaleira” que desconsidera não só a violência histórica da colonização portuguesa e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas – pautada em discursos e práticas que se perpetuam de maneiras diversas no tempo presente –, mas também o imigrantismo como projeto de embranquecimento do país, tendo em vista sua transformação em uma nação moderna.

O SAVVY Contemporary foi convidado como um dos territórios para pensar e expandir noções e políticas de hospitalidade ao lado de outros espaços dialógicos, que participam como territórios convidados, para mostrar práticas de hospitalidade e adversidades: Acervo da Laje (Salvador, Bahia), Aldeia Indígena Kalipety (São Paulo), Casa do Povo (São Paulo) e Quilombo Santa Rosa dos Pretos (Maranhão), todos localizados no Brasil.

SAVVY Contemporary | The laboratory of form-ideas [O laboratório de ideias-formas] foi fundado em 2009 em Berlim por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung. O SAVVY Contemporary é um espaço de arte e uma casa Njangi – um espaço para boas conversas, comidas e bebidas, interessado em multiplicidades de epistemologias e convívio radical.

SAVVY Contemporary se localiza no limiar entre noções de Ocidente e não Ocidente, para compreendê-las e desconstruí-las. Nesse processo, invoca os “poderes cosmogênicos” de práticas artísticas para “des-nomear e re-nomear, des-instituir antigos sujeitos e estabelecer novos, e para silenciar vozes impostas e recuperar aquelas perdidas” (Paget Henry).

Com uma equipe fluida de aproximadamente 25 membros de diferentes países, SAVVY Contemporary já realizou um caleidoscópio de exposições de arte, performances, projeções de filmes, conferências, shows, leituras, palestras, danças – em Berlim, na Alemanha, e além. SAVVY Contemporary criou um arquivo colaborativo sobre a história colonial da Alemanha, um centro de documentação da arte da performance, uma biblioteca, um programa de residência, uma série de publicações, um selo musical (SAVVY records), a plataforma de rádio SAVVYZΛΛR, assim como projetos educativos com escolas. O espaço artístico está engajado na história e nas realidades sociopolíticas de sua vizinhança, que estão entrelaçadas às reflexões e aos discursos do projeto. Como espaço artístico independente que questiona noções fixas, SAVVY está constantemente se tornando e sendo ameaçado ao assumir posturas arriscadas de convivência, desaprendizagem e compartilhamento radicais.

DESCRIÇÃO DAS OBRAS E BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS

A K I N B O D E A K I N B I Y I

Bar Beach, Ilha Victoria, Lagos

Da série *Sea Never Dry* [Mar nunca seco]

1980-em andamento

Fotografias em preto e branco, 1,05m x 1,05m

“Akinbiyi levanta sua câmera para louvar a areia, o mar e, acima de tudo, as pessoas solitárias que povoam sua visão.” – Ishion Hutchinson em “Praise Singer”

O sagrado e o profano se entrelaçam em *Sea Never Dry* [Mar nunca seco], uma série que reúne zonas litorâneas de cidades da África Ocidental e da Europa, retratando a vida pública em torno das praias ao mesmo tempo que captura interlúdios como cerimônias sagradas, comércio de rua, turismo e degradação ambiental. O mar é visitado não só como um domínio de mobilidade, mas como ponto de encontro e moradia temporária onde o espírito cosmopolita das cidades é rejuvenescido.

“O numinoso é o mar, esse espírito visível do lugar, presente em todas as imagens de Akinbiyi mesmo quando não mostrado, ou quando mostrado apenas em *fade outs*. Embora o mar nunca desapareça, é meditativo e está em toda parte. Ele se repete pelos corpos, tanto em suas vestimentas – sobrepelizes, principalmente, brancas-acinzentadas como as ondas – e, mais significativamente, o mar se repete na intencionalidade dos corpos para com outros lugares. Mesmo quando uma silhueta está parada, ela parece uma onda. Há sempre uma ligeira inclinação, um gesto fugidio que rompe linhas retas. Vemos uma mão levantada ou outra acenando; aqui uma cabeça vira de lado, ali outra se curva, reconhecendo algo além da nossa vista.” – Ishion Hutchinson em “Praise Singer”

A K I N B O D E A K I N B I Y I viveu em Oxford, Lagos, Heidelberg e Munique antes de se mudar para Berlim Ocidental (à época). Enquanto inicialmente praticava literatura – sendo um ávido leitor de ficção e poesia –, ele começou a ver o mundo através de um visor e dominou o processo da sala escura no início dos anos 1970. Como viajante e mediador entre os hemisférios, Akinbiyi tem documentado e caminhado

incessantemente em cidades, vilarejos e litorais.

Encenando óticas de chegadas e retornos, seus quadros não estão fincados em um passado nostálgico; em vez disso, são cenas emergentes de Lagos, Berlim, Joanesburgo, Bamako, Atenas, Chicago, Cairo e Cartum.

L E O A S E M O T A

Sem título (“quanto-tempo-e-quão-difícil-e-quão-longe”)

2021

Dois relógios de quartzo, aprox. 30 cm de diâmetro cada um

Dois discretos relógios de parede movidos a bateria estão pendurados lado a lado. Os medidores de tempo indicam apenas os segundos pelos ponteiros que giram, no sentido horário e anti-horário simultaneamente, em seus respectivos mostradores redondos, entrando e saindo de sincronia aleatoriamente, em uma coreografia de tempo desacertado, em marcha à ré e se aproximando logo mais. Assim como o tempo que não se pode enxergar nos relógios, também não se fixam nem se esgotam seu significado e suas alusões, dos quais alguns podem ser derivados do contexto em que a obra é apresentada.

L E O A S E M O T A é nativo de Edo. Ele mora em Londres, na Inglaterra, e em sua cidade natal, Cidade do Benin, na Nigéria.

D I E G O A R A Ú J A & L A Í S M A C H A D O

Sumidouro

Instalação e embarcação site-specific, 2022

Palha, trilhos motorizados, 96 m² e 4 m de altura

Comissionado e coproduzido por Sesc São Paulo e SAVVY Contemporary

Sumidouro é a extensão de um convite. Como convidado para esta exposição, SAVVY Contemporary repetiu o gesto de chamamento para que Diego Araújo e Laís Machado, dois artistas de Salvador, imaginassem uma embarcação, representando a memória e a

hospitalidade, para acolher as energias e as obras que fazem desta oferta uma exposição. Formada por cortinas de palha atadas a trilhos motorizados, a obra propõe uma performance, uma coreografia, situada entre o visível e o invisível, a presença e o desaparecimento, o fluxo e o refluxo, expondo seu conteúdo, escondendo-o às vezes. Movendo-se de forma fluida, as cortinas de palha definem um ritmo e adicionam um fluxo dinâmico a toda a estrutura, criando vielas imersivas. Concebido como recipiente, *Sumidouro* recebe e transporta outras obras de arte.

Sumidouro é também um fantasma. Não aquele definido no âmbito das religiões abraâmicas ou ideologias ocidentais, e sim aquele que se relaciona com a palavra “visagem” e, por extensão, a compreensão afro-brasileira profundamente enraizada do fantasma. *Sumidouro* é um fantasma que aponta para a possibilidade de desaparecimento, de desaparecimento, de passagem para outro espaço e tempo, que não é linear e pode às vezes parecer redundante, mas sempre em movimento.

Com as suas paredes de palha e em constante movimento, *Sumidouro* marca um ritmo, convida o público a ressoar em conjunto e a juntar-se à coreografia, a participar do diálogo entre as obras instaladas em suas vielas – mais ou menos visíveis dependendo de onde se olha. Apesar de hospitaleiro e convidativo, há um certo mistério criado pelo movimento dessas paredes de palha e sua possibilidade de esconder e desvendar mais ou menos certas obras em diferentes momentos. Levando em conta essas características particulares, *Sumidouro* poderia estar relacionado ao Orixá Omolú e sua capacidade de acolher seus filhos na palha de sua vestimenta.

D I E G O A R A Ú J A nasceu em Salvador, onde vive e trabalha. É bacharel em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua nas áreas literária, visual, cênica, cênica e audiovisual como diretor, cenógrafo, artista visual, dramaturgo e roteirista. Ele vem conduzindo o processo “Creole Time” desde 2015, inspirado nas línguas crioulas americanas e africanas, incluindo uma língua crioula esquecida dentro de sua própria família (o “trocar língua”); uma tentativa contínua de Araújo de “criar uma linguagem que não nasce do trauma”. Um evento artístico total busca transferir o público – enredado por estímulos cênico-performativos, literários, arquitetônicos, sonoros, audiovisuais e linguísticos – para uma espacialidade que propõe uma metaperspectiva. As obras nascidas desse processo poético e transdisciplinar são chamadas de “crioulagem” pelo artista.

Em 2017, fundou com a artista Laís Machado a plataforma ÀRÀKÁ, um espaço de criação e conexão entre artistas afro-atlânticos. Conceu uma performance coreográfica para a videoinstalação

de Isaac Julien *A Marvelous Entanglement* [Um entrelaçamento maravilhoso] em 2018. Realizou residências artísticas no Atlantic Center For The Arts nos Estados Unidos e no SAVVY Contemporary, na Alemanha. Em 2019 representou o Brasil no 56o Theatertreffen e em 2020 participou do Iberoamerikanisches Theatrefestival com sua obra *QUASEILHAS*. Em 2021, começou a mapear performers no mundo interatlântico através da Trienal FRESTAS. Em 2021, criou uma arquitetura efêmera chamada *Lands Giving Birth Gold* [Terras dando à luz o ouro] conectando Brasil e Gana por meio de suas respectivas canções de trabalho, para a exposição “EFIE – The Museum as Home (Kunst aus Ghana)”, com curadoria de Nana Oforiatta Ayim.

L A Í S M A C H A D O é artista, comunista e feminista, atua em artes cênicas, performance, instalação, fotografia e videoarte. Explorando os limites do corpo atlântico, investiga o transe e o fluxo como meios de gerar presenças. Em 2017, fundou com o artista Diego Araújo a plataforma ÀRÀKÁ, conectando-se com artistas negros africanos e da diáspora. Em 2018, realizou o Fórum Obìnrín – Mulheres Negras, Arte Contemporânea e América Latina.

Desde 2011, participa de festivais nacionais e internacionais como Mostra Internacional de Teatro (MIT, SP) e Adelante! Festival Iberoamericano de Artes Cênicas (Heidelberg, Alemanha). Participou de exposições como a Trienal FRESTAS (SESC, 2021), “A história que fala” (HANGAR, Portugal, 2020), Festival Latitudes (Goethe, Alemanha, 2020), e Valongo – Festival internacional da Imagem (Brasil, 2018). Foi convidada para residências no SAVVY Contemporary Art (Alemanha, 2020), Weltkunstzimmer (Alemanha, 2019), Atlantic Center for the Arts (Estados Unidos, 2018) e Valongo (Brasil, 2018).

M A R Í A M A G D A L E N A C A M P O S - P O N S

MIASMA # 4

2020, da série *Miasma*

Mídia mista em papel de arquivo, 73,99 x 55,88 cm

Mobile #4

2021, Da série *The Rise of the Butterflies* [A ascensão das borboletas]

Vidro de Murano, aço inoxidável, aprox.

100 x 250 x 15 cm

The Rise of the Butterflies [A ascensão das borboletas]

é um espaço de memória para vidas perdidas. É um memorial, uma celebração para garantir que a vida de mais uma mulher negra inocente da diáspora, que foi levada violentamente, seja lembrada e registrada na história. Ela vem de um profundo senso de empatia e da pergunta “Como relembramos eventos de violência?”

The Rise of the Butterflies é dedicado a Breonna Taylor, a mulher afro-americana cuja morte nas mãos de policiais alimentou, ao lado de outras violências, o movimento Black Lives Matter. Em memória de sua falecida irmã, Ju’Niyah Palmer soltou borboletas- monarcas. Essa espécie de borboleta, em suas migrações anuais, chega no Dia de Muertos a Michoacán, no México, um lugar tradicional onde os mortos são lembrados. As borboletas representam mitologicamente a imortalidade e a ressurreição e são consideradas um símbolo de reinícios na Ásia e da alma do falecido na Europa antiga.

Os móveis de vidro de Campos-Pons lembram não apenas as lágrimas, mas também o amuleto Nazar, que em árabe significa “vista”, “visão” e “introspecção” e é um símbolo para enfrentar o “mal”. O tema central desse trabalho é a metamorfose – a derrubada do mal, o brotar e desabrochar de algo novo – e, sim, a esperança, mas também a alegria da vida e a dor em igual medida, expressas no Dia dos Mortos em toda a sua melancolia e colorido, transitoriedade e futuro ao mesmo tempo. *[Esta descrição contém trechos de uma entrevista em vídeo com o artista, bem como do texto escrito por Octavio Zaya para a exposição na Galeria Barbara Thumm]*

M A R Í A M A G D A L E N A C A M P O S - P O N S investiga história e memória e seus papéis na formação da identidade. Em seu trabalho, ela apresenta elementos de história pessoal e personas que têm relevância universal. Em um esforço para criar narrativas históricas que iluminem o espírito de pessoas e lugares, passado e presente, seus temas são frequentemente seus parentes afro-cubanos, assim como ela mesma. Seus temas são transculturais e transgeracionais; suas ideias temáticas são raça e gênero expressos em símbolos de matriarcado e maternidade. Campos-Pons realizou exposições individuais no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, no Museum of Art de Indianápolis e na National Gallery do Canadá, entre outras instituições de destaque. Apresentou mais de trinta performances solo encomendadas por instituições que incluem o Museu Guggenheim e a Smithsonian’s National Portrait Gallery. Participou da Bienal de Dakar, Bienal de Joanesburgo, Trienal de Guangzhou, Horário Padrão do Pacífico: LALA e Prospect.⁴ Trienal, Bienal de Veneza, Documenta ¹⁴ e Bienal de Havana. Suas obras estão em mais de trinta coleções de museus, incluindo o Whitney Museum of American Art, em Nova York; o Instituto de Arte de Chicago; o Victoria and Albert Museum, em Londres; o Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York; o Museu de Belas Artes de Boston; o Perez Art Museum, em Miami; e o Museu de Arte Fogg, da Universidade de Harvard. Campos-Pons fundou ou cofundou várias organizações artísticas sem fins lucrativos, incluindo a Intermittent Rivers, um projeto bienal em Matanzas, Cuba; o Engine for Art Democracy and Justice em Vanderbilt

com a Vanderbilt and Frist University; e When We Gather [Quando nos juntamos], um projeto de arte multifacetado que celebra o papel fundamental que as mulheres têm desempenhado nos Estados Unidos.

S I M O N E L A G R A N D

Rimèd razié. Creole spoken in the Garden [Crioulo falado no jardim]

Instalação de som, 2022

Design de som por Nguyễn Baly e Tara Transitory
Comissionado e coproduzido por Sesc São Paulo e SAVVY Contemporary

Na Martinica, as pessoas sempre usaram plantas (rimèd razié) para se curarem. Nosso “jaden kréyòl” [jardim crioulo] está profundamente ligado à língua que usamos quando falamos de cuidado, alegria, convívio e vibração. E se o crioulo fosse um “dité péyi” [chá de ervas] para se proteger da desordem colonial? Esta instalação é sobre cura. Cada cápsula sônica representa um “jardim crioulo” metafórico onde a linguagem cria diferentes formas de remédio.

S I M O N E L A G R A N D é uma artista transdisciplinar que vive entre Paris e a Martinica. Ela usa poesia, vídeo, música, conversas de arquivo, palavra falada ou tecidos para construir um biótopo criativo e curativo que questiona linguagem, intimidade, amor, ecologia, adversidade e alegria de uma perspectiva pós-colonial

A W I L D A S T E R L I N G

Soy la reencarnación de un alma esclavizada/ Sou a reencarnação de uma alma escravizada...

Performance e vestígios deixados na instalação
Sumidouro, 2022

Comissionado e coproduzido por Sesc São Paulo e SAVVY Contemporary

Esta peça performática é uma continuação da exploração da pesquisa de múltiplas camadas de Awilda Sterling sobre os quadros teóricos do Comércio Transatlântico de Escravos, sentindo as “vidas após a escravidão” através das religiões africanas, da espiritualidade e da cultura material nas Américas e no Caribe.

Esta narrativa incorporada é uma representação ficcional de uma entidade porto-riquenha falecida que se reencarna em Porto Rico para vivenciar, em primeira mão, como é ser “livre”.

A W I L D A S T E R L I N G é uma artista experimentalista, independente e multidisciplinar cujo trabalho abrange pintura, desenho, materiais diversos, instalação, dança e performance. Natural de Porto Rico, realizou um mestrado em Pintura/Arte de Estúdio no Pratt Institute (1979), onde se interessou pela

performance. Também estudou danças caribenhas com Sylvia del Villard e praticou, de forma independente, técnicas de trabalho corporal, dança contemporânea e experimental. Entrelaça expressionismo abstrato, dança caribenha, animação, performance, som e vídeoarte. Seu trabalho mais recente, *blindfolded* [de olhos vendados] (2019-em andamento), uma exploração performática de espaços arquitetônicos, foi apresentado na Whitney Biennial de 2022. Sterling recebeu a bolsa Joan Mitchell em 2022.

Painting/Studio Art at Pratt Institute (1979), where she became interested in performance. She also studied in Caribbean dances with Sylvia del Villard and independently trained in bodywork techniques, contemporary and experimental dance. In her practice she interlocks abstract expressionism, Caribbean dance, animation, performance, sound and video art. Her most recent work*blindfolded* (2019–ongoing), a performance exploration of architectural spaces, was presented at the 2022 Whitney Biennial. Sterling is a 2022 Joan Mitchell Fellow.

WATA GO LEF
STONE.
ON THE
PERPETUITY OF
ACCARA ACROSS
THE OCEANS

OFFERINGS
IN THE FRAMEWORK OF "A PARÁBOLA DO PROGRESSO"

WITH Akinbode Akinbiyi Diego Araújo and Laís Machado Leo Asemota María Magdalena Campos-Pons
Simone Lagrand Leda Maria Martins Awilda Sterling

OPENING 26.10.2022 18:00
OPEN 27.10.2022-02.04.2023
Tuesday-Saturday 10:00-21:00 Sunday 10:00-18:00
AT Sesc Pompeia, São Paulo, Brazil

SAVVY TEAM
CONCEPT Billy Fowo Anna Jäger Lynhan Balatbat-Helbock
CURATION Billy Fowo Anna Jäger
MANAGEMENT Lema Sikod
ARTISTIC DIRECTION Bonaventure Soh Bejeng Ndikung
GRAPHIC DESIGN AND HANDOUT Bilge Emir Aditi Kapur

A PARÁBOLA DO PROGRESSO-TEAM
CURATION Lisette Lagnado
ASSOCIATE CURATION André Pitol Yudi Rafael
PRODUCTION MANAGEMENT Ana Helena Curti
EXHIBITION DESIGN Tiago Guimarães
PRODUCTION TEAM Carol Angelo Paloma Cassari Rodrigo Primo

Please find the full team list at the end.

PARABLE OF PROGRESS is a project by Sesc São Paulo/ Brazil.

SAVVY CONTEMPORARY
THE LABORATORY OF FORM-IDEAS



C O N C E P T

From the independent Republic of Palmares led by its great leader Zumbi, to the resistance movements in Bahia led by Luiza Mahin, to the long ongoing fights and resistances carried on by the over thousand Quilombos for the recognition of their land ownership, the presence and importance of Africans and African political movements in Brazil has a strong history which is echoing into our now. As Abdias do Nascimento states in the book *Africans in Brazil. A Pan-African Perspective*: "from the outset, history shows that Brazil is demographically and culturally an African country." Although conventional histories generally omit the African-Brazilian heroes of the abolitionist cause, most of them such as Luiz Gama – poet and precursor of Negritude, and son of Luiza Mahin – derived from and used as main weapon in their fights their exceptionally lucid African consciousness, as writes Elisa Larkin Nascimento in the aforementioned book which she co-authored. An African consciousness rooted in the spirit of resilience that has travelled through time and space, a spirit of resilience which was sparked up and fueled by the need to enable spaces of togetherness, care and conviviality which go beyond the direct action of physical fight.

How to be convivial in a world that continues to be cruel? Which are the strategies of living and loving, of song and food and other forms of nourishment? Which are the "recipes" echoing between continents and archipelagos, rhythms and languages that keep providing re-sources of survival, community, resistance, joy, wellbeing?

WATA GO LEF STONE. ON THE PERPETUITY OF ACCARA ACROSS THE OCEANS is an acknowledgment of this resilience and consciousness rooted within the African context and spread out across its diasporas. It is an attempt to follow our pressing questions by understanding the water flows and other ways of being between the African continent and her diasporas – embracing the multiple, rhizomatic forms of making space and community through music, food, textiles, languages, and other patterns embodied and shared.

There is a saying in Cameroonian Pidgin English which goes: "Scratch ma back I scratch ya back". In that sense, WATA GO LEF STONE. ON THE PERPETUITY OF ACCARA ACROSS THE OCEANS is an invitation to "scratch each others' backs", an invitation to togetherness, an invitation to collectively craft a space of conviviality vital to each and everyone of us and most especially now in this very tense context of upcoming elections in which Brazil finds itself.

In this idea of welcoming and being convivial, SAVVY Contemporary extends this initial invitation by Sesc Pompeia to the Brazilian artists Laís Machado and Diego Araújo to provide a structure, a time and memory capsule that will host and hold, set and define a rhythm to which the other artistic contributions will co-exist, interact and resonate. Through their vessel, we go on a journey into history which is always also going into the future – to follow the traces of the Accara across the ocean, connecting the West African coast with the Brazilian coast.

Together with interdisciplinary artists, scholars, and poets, WATA GO LEF STONE will breathe and inhabit Sesc Pompeia in the framework "A parábola do Progresso" [Parable of the Progress]. Curated by Lisette Lagnado alongside associated curators André Pitol and Yudi Rafael, this exhibition debates the identity formation and modernization processes of the nation, questioning the idyllic image of the so-called "country of the future" that accompanies it since the invasion of the territory that today configures Brazil. In this sense, the exhibition intends, if not to subvert, at least to suspend the doctrine of Progress, a positivist principle that paved the way for cruel development policies. Another commonplace contested is the belief in a "hospitable nation" that disregards not only the historical violence of Portuguese colonization and the transatlantic traffic of millions of enslaved people – based on discourses and practices that are perpetuated in different ways in the present time – but also immigration as a project of whitening the country, with a view to its transformation into a modern nation.

SAVVY Contemporary has been invited as one of the territories to think along and expand notions and politics of hospitality alongside other dialogical spaces which participate as guest territories to showcase practices of hospitality and adversities: Acervo da Laje (Salvador, Bahia), Aldeia Indígena Kalipety (São Paulo), Casa do Povo (São Paulo) and Quilombo Santa Rosa dos Pretos (Maranhão), all located in Brazil.

SAVVY Contemporary | The laboratory of form-ideas was founded in 2009 in Berlin by Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, SAVVY Contemporary is an art space as well as a njangi house – a space for good conversations, food and drinks interested in multitudes of epistemologies and radical conviviality. SAVVY situates itself at the threshold of notions of the West and non-West, to understand and deconstruct them. In this process, it invokes the “cosmogenic powers” of artistic practices to “un-name and re-name, to de-institute old selves and establish new ones, and to silence imposed voices and reclaim lost ones.”(Paget Henry)

With a flowing team of circa 25 members from about as many countries, SAVVY Contemporary has realized a kaleidoscope of art exhibitions, performances, film screenings, lectures, concerts, readings, talks, dances – in Berlin, German, and beyond. SAVVY Contemporary has established a participatory archive on German colonial history, a documentation center of performance art, a library, a residency program, a series of SAVVY publications, a record label (SAVVY records), the radio platform SAVVYZ/MR as well as educational projects with schools. The art space engages in its neighborhood's history and socio-political realities which are entangled with the reflections and discourses of the project.

As an independent art space questioning fixed notions, SAVVY is constantly becoming and being endangered by taking risky positions of radical conviviality, unlearning and sharing.

W O R K

D E S C R I P T I O N S

& A R T I S T S '

B I O S

A K I N B O D E A K I N B I Y I

Bar Beach, Victoria Island, Lagos

From the series *Sea Never Dry*

1980s – ongoing

Black and White Photographs, 1,05m x 1,05m

“Akinbiyi lifts his camera in praise of the sand, the sea, and above all, the solitary selves that people his vision.”

– Ishion Hutchinson in “Praise Singer”

The sacred and profane become interwoven in *Sea Never Dry*, a series that brings together coastal zones of West African cities and Europe, portraying public life around beaches while also capturing interludes such as sacred ceremonies, street trade, tourism and environmental degradation. The sea is visited not only as a realm of commuting but as a meeting place and temporary dwelling where the cosmopolitan spirit of cities is rejuvenated.

“The numinous is the sea, that visible spirit of place present in all of Akinbiyi’s images even when not shown, or when shown only in fade outs. Though the sea never fades out. It is ruminative and everywhere. It is repeated by the bodies, both in their dress – mostly surplices, white-greyish like the breakers – and more significantly, the sea is repeated in the bodies’ intentness on elsewhere. Even when a figure stands still, he or she appears wavelike. There is always a slight tilt, a fugitive gesture breaking straight lines. We see a hand raised or another motioning; here a head turns aslant, there another bows, acknowledging something outside our view.” – Ishion Hutchinson in “Praise Singer”

A K I N B O D E A K I N B I Y I lived in Oxford, Lagos, Heidelberg and Munich before moving to (then) West Berlin. While initially training in literature – being an avid reader of fiction and poetry, he began to see the world through a viewfinder and mastered the dark room process in the early 1970s. As a wanderer and mediator between the hemispheres, Akinbiyi has ceaselessly documented and walked in cities, villages and coastlines. Staging optics of arrivals and returns, his pictures are not lodged in a nostalgic past; instead they are emergent scenes from Lagos, Berlin, Johannesburg, Bamako, Athens, Chicago, Cairo and Khartoum.

David C. Driskell Award (2011); the Arthur and Carol Kaufman Goldberg Foundation-to-Life Fellowship at Hunter College (2016) and the James A. Porter Book Award from Howard University (2018). From 2016-17,

L E O A S E M O T A

Untitled (“how-long-and-how-hard-and-how-far”)

2021

Two quartz clocks, ca. 30cm each (diameter)

Two inconspicuous battery-powered wall clocks hang next to each other. The timekeepers indicate only seconds by hands going clockwise and anti-clockwise simultaneously on their respective round dials, randomly falling in and out of synch in a choreography of unset time presently in reverse and approaching. As with the time which cannot be read from the clocks, so too are its meaning and allusions, unfixed and inexhaustible, some of which can be derived from the context wherein the work is presented.

L E O A S E M O T A is an Edo native. He has places of residence in London, England, and in his birthplace Benin City, Nigeria

D I E G O A R A Ú J A & L A Í S M A C H A D O
Sumidouro

Site-specific installation and vessel, 2022

Straw, motorized rails, 96m² and 4m high

Commissioned and coproduced by Sesc São Paulo and SAVVY Contemporary

Sumidouro is an extended invitation. As a guest in this exhibition, SAVVY Contemporary repeated the gesture of calling inside to Diego Araújo and Laís Machado, two artists from Salvador de Bahia, to imagine a vessel, one of memory and hospitality for the energies and works that make this offering an exhibition. Formed by straw blinds attached to motorized rails, the work proposes a performance, a choreography, situated between the visible and the invisible, presence and disappearance, flux and reflux, exposing its content, sometimes hiding it. Moving in a fluid way, the straw curtains define a

rhythm, and add to the whole structure a dynamic flow creating immersive alleys. Conceived as a container, *Sumidouro* hosts and carries other works of art. *Sumidouro* is also a ghost. Not one defined within the realm of abrahamic religions or western ideologies, but rather one that relates to the word visagens, and by extension the deeply rooted afro-brazilian understanding of the ghost. *Sumidouro* is a ghost that hints at the possibility of disappearance, disappearing, transiting to another space, and time, one which is not linear and could sometimes feel redundant, but always in motion.

With its walls made of straw and constantly in motion, *Sumidouro* sets up a pace, invites the audience to resonate with and join the choreography, to partake in the conversation between the artworks – more or less visible depending on the viewpoint – hosted within its alleys. Though hospitable, and inviting, there's a bit of a mystery created by the movement of these walls made of straw and their possibility to more or less hide, unveil certain works at different moments. Taking into account these particular characteristics, *Sumidouro* could be related to the Orisha Omolú and his ability to welcome children in the straw of his clothing.

DIEGO ARAÚJA is an artist born in Salvador de Bahia, Brazil, where he lives and works. He holds a bachelor's degree in performing arts from the Federal University of Bahia (UFBA). He works in the literary, visual, scenic, performing, and audiovisual arts as director, set designer, visual artist, playwright, and screenwriter. He has been conducting the "Creole Time" process since 2015, inspired by American and African creole languages, including a forgotten creole language within his own family (the switch-tongue). A continuous attempt by Araújo to "create a language that is not born of trauma". A total artistic event seeks to transfer the public – enmeshed by scenic-performative, literary, architectural, sound, audiovisual and linguistic stimuli – to a spatiality that proposes a trans perspective. The works born from this poetic and transdisciplinary process are called "creollage" by the artist. In 2017, together with artist Laís Machado he founded the platform ÀRÀKÁ, a space of creation and connection between Afro-Atlantic artists. He conceived a choreographic performance for Isaac Julien's vídeo installation *A Marvelous Entanglement* in 2018. He held artistic residencies at the Atlantic Center For The Arts in the US and at SAVVY Contemporary, Germany. In 2019 he represented Brazil in the 56th Theatertreffen and in 2020, he participated in the Iberoamerikanisches Theaterfestival with his work *QUASEILHAS*. In 2021, he started to map performers in the Atlantic world through the FRESTAS Triennale. In 2021, he created an ephemeral architecture named *Lands Giving Birth Gold* connecting Brazil and Ghana through their respective working songs, for the exhibition "EFIE – The Museum as Home (Kunst aus Ghana)", curated by Nana Oforiatta Ayim.

L A Í S M A C H A D O is an artist, communist and feminist who works in scenic arts, performance, installation, photography and video art. Exploring the limits of the Atlantic body, she investigates trance and flow as a means of producing presences. In 2017, she founded with artist Diego Araújo, the platform ÀRÀKÁ, connecting with black diasporic and African artists. In 2018, she realized the Obinrín Forum – Black Women, Contemporary Art and Latin America. Since 2011, she has participated in national and international festivals such as Mostra Internacional de Teatro (MIT/SP) and Adelante! Iberoamerican Festival of Performing Arts (Heidelberg/GER). She has participated in exhibitions such as the FRESTAS Triennial (SESC/2021/BRA), The history that speaks (HANGAR/2020/PT), Latitudes Festival (Goethe/2020/GER), and Valongo – Festival internacional da Imagem (2018/BRA). She has been invited to residencies at SAVVY Contemporary Art (GER/2020), Weltkunstzimmer (GER/2019), Atlantic Center for the Arts (USA/2018) and Valongo (BRA/2018).

M A R Í A M A G D A L E N A C A M P O S - P O N S

MIASMA # 4

2020, From the series *Miasma*

Mixed media on archival arches paper, 73,99 x 55,88 cm

Mobile #4

2021, From the series *The Rise of the Butterflies*

Mouth blown Murano Glass, stainless steel, approx. 100 x 250 x 15 cm

The Rise of the Butterflies is a site of memory for lives lost. It is a memorial, a celebration to make sure that the life of another innocent black woman in the diaspora, that was taken away violently, is being remembered and recorded in history. It comes from a profound sense of empathy and the question: „How do we memorialize events of violence?“

The Rise of the Butterflies is dedicated to Breonna Taylor, the African-American woman whose death at the hands of police officers fueled, alongside other such violences, the Black Lives Matter movement. In memory of her late sister, Ju'Niyah Palmer let Monarch butterflies fly. This species of butterfly reaches Michoacán, Mexico, on its annual migrations on Dia de Muertos, a traditional place where the dead are commemorated. Butterflies mythologically stand for immortality and resurrection, they are considered a symbol of new beginnings in Asia and of the soul of the deceased in European antiquity. Campos-Pons' glass mobiles are not only reminiscent of tears, but also of the Nazar amulet, which in Arabic stands for sight, vision and insight and is a symbol to confront „evil“. The central theme in this work is metamorphosis – the bringing down of evil, the budding and blossoming of something new – and: Yes: hope, but also the joy of life and pain in equal measure, as expressed on the Day of the Dead in all its gloom and

colourfulness, transience and future at the same time.
[This description contains excerpts from a video interview with the artist as well as from the text for the exhibition at Gallery Barbara Thumm written by Octavio Zaya]

MARÍA MAGDALENA CAMPOS - PONS investigates history and memory, and their roles in the formation of identity. In her work, she renders elements of personal history and persona that have universal relevance. In an effort to create historical narratives that illuminate the spirit of people and places, past and present, her subjects are often her Afro-Cuban relatives as well as herself. Her themes are cross cultural, and cross generational; race and gender expressed in symbols of patriarchy and maternity are thematic ideas.

Campos-Pons has had solo exhibitions at the Museum of Modern Art in New York, the Indianapolis Museum of Art, and the National Gallery of Canada, among other distinguished institutions. She has presented over thirty solo performances commissioned by institutions that include the Guggenheim Museum and the Smithsonian's National Portrait Gallery. She has participated in the Dakar Biennale, Johannesburg Biennial, Guangzhou Triennial, Pacific Standard Time: LA/LA and Prospect.4 Triennial, Venice Biennale, Documenta 14, and Havana Biennial. Her works are held in more than thirty museum collections, including the Whitney Museum of American Art, New York; the Art Institute of Chicago; the Victoria and Albert Museum, London; the Museum of Modern Art, New York; the Museum of Fine Arts, Boston; the Perez Art Museum, Miami; and the Fogg Art Museum, Harvard University.

Campos-Pons has founded or co-founded several non-profit arts organizations including the Intermittent Rivers, a Biennial Project in Matanzas, Cuba; the Engine for Art Democracy and Justice at Vanderbilt with Vanderbilt and Frist University; and When We Gather, a multi-faceted art project celebrating the elemental role women have played in the United States.

SIMONE LAGRAN D

Rimèd razié. Creole spoken in the garden
Sound Installation, three sound showers, 2022
Sound design by Nguyễn Baly & Tara Transitory
Commissioned and coproduced by Sesc São Paulo and SAVVY Contemporary

In Martinique, people have always used plants (rimèd razié) to heal themselves. Our "jaden kréyòl" (creole garden) is deeply connected to the language we speak when we talk about care, joy, conviviality and vibrancy. What if creole was a "dité péyi" (herbal tea) to protect oneself against the colonial disorder?

This installation is about healing. Each sonic capsule represents a metaphorical "creole garden" where the language grows different forms of remedy.

SIMONE LAGRAN D is a transdisciplinary artist who lives between Paris and Martinique. She uses poetry, video, music, archival conversations, spoken word or textile to build a creative and healing biotope which questions language, intimacy, love, ecology, adversity and joy from a post-colonial perspective.

A WILDA STERLING

Soy la reencarnación de un alma esclavizada/ I am the reincarnation of an enslaved soul...
Performance and its traces left in the Sumidouro installation, 2022
Commissioned and coproduced by Sesc São Paulo and SAVVY Contemporary

This performance piece extends through Awilda Sterling's multilevel research exploration on theoretical frames of the Transatlantic Slave Trade, sensing the "afterlives after slavery" through African religions, spirituality and material culture in the Americas and the Caribbean Basin.

This embodied narrative is a fictionalized depiction of a deceased Puerto Rican entity that incarnates back in Puerto Rico to experience, first hand, how it feels to be "free".

A WILDA STERLING is an experimentalist, independent, multidisciplinary artist whose work encompasses the mediums of painting, drawing, mixed media, installation, dance and performance. A native of Puerto Rico, she completed an MFA in Painting/Studio Art at Pratt Institute (1979), where she became interested in performance. She also studied in Caribbean dances with Sylvia del Villard and independently trained in bodywork techniques, contemporary and experimental dance. In her practice she interlocks abstract expressionism, Caribbean dance, animation, performance, sound and video art. Her most recent workblindfolded (2019-ongoing), a performance exploration of architectural spaces, was presented at the 2022 Whitney Biennial. Sterling is a 2022 Joan Mitchell Fellow.

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo Presidente do Conselho Regional [Chairman of the Regional Council] Abram Szajman Diretor do Departamento Regional [Regional Department Director] Danilo Santos de Miranda Superintendentes [Assistant Directors] Técnico-social [Social Technician] Joel Naimayer Padula Comunicação Social [Social Communication] Ivan Giannini Administração [Administration] Luiz Deoclécio M. Galina Assessoria Técnica e de Planejamento [Technical and Planning Consultancy] Sérgio José Battistelli Gerentes [Manager] Artes Visuais e Tecnologia [Visual Arts and Technology] Juliana Braga de Mattos Estudos e Desenvolvimento [Studies and Development] Marta Raquel Colabone Artes Gráficas [Graphic Design] Rogério Ianeli Relações Internacionais [International Affairs] Áurea Leszczynski Vieira Gonçalves Sesc Pompeia Monica Carnieto Equipe Sesc [Sesc Team] Alcimar Frazão, Alexandre Leopoldino, Bárbara Iara Hugo, Barbara Rodrigues, Clélia de Almeida, Dora Teixeira, Elaine Barros Martins, Gabriela Borsoi, Giovanna Ciampone, Iremar da Silva, João Paulo L. Guadanucci, José Renato Alegreti Dias, Juliana Okuda, Karina C. L. Musumeci, Lilian Ambar, Maria Julia de Lucca, Mariana Lins, Mauro Marçal, Nilva Luz, Pablo Perez, Paulo Delgado, Rafael Della Gatta Soares, Raquel Lopes Py, Regiane Gomes, Renato Banti, Rogério Rodrigues, Sérgio Pinto, Silvio Basilio, Suellen Barbosa, Thays Cabette, Tina Cassie e Yuri Cumer

EXPOSIÇÃO A PARÁBOLA DO PROGRESSO [Parable of Progress Exhibition] Curadoria Geral [General Curator] Lisette Lagnado Curadoria Adjunta [Adjunct Curators] André Pitol Yudi Rafael Curadoria de Programa Público [Public Program Curators] Explode! Cláudio Bueno João Simões Vânia Medeiros Consultoria [Consultancy] Ayrson Heráclito Produção Geral [General Production] conceito / arte3 Coordenação de Produção [Production Coordination] Ana Helena Curti Produção Executiva [Executive Production] Carol Angelo Rodrigo Primo Assistência de Produção [Production Assistants] Fernando Lion Franco Almada Leticia Leal Nayana Sonda Paloma Cassari Produção do Programa Público [Public Program Production] Gabriela Caetano Assistência de Produção do Programa Público [Public Program Production Assistant] Rodrigo Reis Projeto de Arquitetura [Exhibition Design] Tiago Guimarães Projeto de Identidade Visual e Design [Visual Identity and Design Project] Estúdio Permitido Vitor Cesar Karime Zaher Coordenação Editorial [Editorial Coordination] Mariana Delfini Revisão de Texto [Proofreading] Gabriela Fróes Tradução [Translation] Alberto Dwek Matthew Rinaldi Projeção Mapeada [Mapped Projection] Aya Studio Legendagem de Vídeos [Video subtitles] Andréia Manfrim Jéssica Alonso Editora Web [Web Editor] Aline Vessoni Motion e Vinhetas [Motion and Vignette] João R. Zanetti Coordenação de Ação Educativa [Educational Project Coordination] Débora Rosa - Cozinha: arte e educação Equipe Educativa [Educational Team] Aline Bellenzani Camila Cortellini Emily Mayumi Felipe Leonidas Giovanna Ciampone Gleice Kely da Silva Gustavo Braunstein Hellen Nicolau Leonardo Latorre Lili Antonelo Mantu Novaes Marina Rigatto Matheus Alves Nicole Pinheiros Ornela Rodrigues Rosane Ribeiro Selma Barreto Taigo Alves Tamara Failman Tiago Luz Vitor Damilano Projeto de Acessibilidade [Accessibility Project] Marina Baffini Projeto de Iluminação [Lighting Project] André Boll Assistência de Projeto de iluminação [Lighting Project Assistant] Maira Takiy Projeto Audiovisual [Audiovisual Project] MIT Arte Patrícia Mesquita Projeto de Estrutura [Structural Project] Jéssica Marques Murilo Jarreta Projeto de Elétrica [Electrical Project] Murilo Jarreta Conservação [Conservation] Ana Caniatti Ana Paula Lobo Denyse L. A. P. da Motta Fabiana Barbosa Oda Giulia Alcântara Livia Lira Marília Fernandes Railda Sampaio Renata Cardoso Renilda do Vale Roberto Chaves Coordenação de Montagem [Art Handling Coordination] Lee Dawkins Equipe de Montagem [Art Handling Team] Edu Ferreira Elvis Vasconcelos Moreira Federico Gómez Romero Fellipe Fiorini Albertin Felipe Soranz Hélio Bartsch Jeff Lemes Juan Castro Luiz Fernando Molo Mauricio Rossi Miguel de Freitas Ricardo Pereira Execução do Projeto de Arquitetura [Design Project Construction] Secall Cenografia Execução do Projeto de Iluminação [Lighting Design Assembly] WPA Eventos Execução do Projeto Audiovisual [Audiovisual Project Assembly] Maxi Áudio Luz Imagem Execução do Projeto de Identidade Visual [Visual Identity Assembly] Palazzo & Cremon Comunicação Visual Ltda Tratamento de Imagens [Image Edition] Ana Carolina Curti Sanches Ampliação Digital [Digital Prints] Estúdio Kelly Polato Moldura [Frames] Jacarandá Montagens Transporte Nacional [National Transportation] Millenium Transportes e Logística Seguro [Insurance] Affinité Gestão Financeira [Financial Management] João Calmon Assessoria Jurídica [Legal Advice] Olivieri Associados

MORE INFORMATION

savvy-contemporary.com

facebook.com/savvyberlin

S A V V Y Contemporary—The laboratory of form-ideas is an art space, discursive platform, place for good talks, foods and drinks—a space for conviviality. S A V V Y Contemporary situates itself at the threshold of notions of the West and non-West, to understand and deconstruct them. S A V V Y Contemporary has realized a kaleidoscope of art exhibitions, performances, film screenings, lectures, concerts, readings, talks, dances. S A V V Y Contemporary has established a participatory archive on German colonial history, a performance arts documentation centre, a library, a residency program, as well as educational projects with schools. The art space engages in its neighborhood's history and socio-political realities which are entangled with the reflections and discourses of the project.

S A V V Y Contemporary is Elena Agudio Lynhan Balatbat-Helbock Bona Bell Cecilia Bien Onur Çimen Bilge Emir Sagal Farah Billy Fowo Raisa Galofre Juan Pablo García Sossa Hubert Gromny Hajra Haider Karrar Anna Jäger Kimani Joseph Aditi Kapur Laura Klöckner Kelly Krugman Mokia Laisin Rafal Lazar António Mendes Kamila Metwaly Daniellis Hernandez Nancy Naser Al Deen Arlette-Louise Ndakoze Bonaventure Soh Bejeng Ndikung Abhishek Nilamber Matthias Rademacher Lema Sikod Meghna Singh Lili Somogyi Ola Zielińska

D E S I G N Juan Pablo García Sossa

F O N T S Grow (through a generous partnership with DINAMO Foundry, abcdinamo.com) Neutral (carvalho-bernaeu.com)

S A V V Y Contemporary e.V. Amtsgericht Charlottenburg (Berlin) AZ: VR 31133 B Reinickendorfer Straße 17 13347 Berlin-Wedding